

“R-existirmos”: a que será que se destina? Poesia resistência em “Literato Cantáble”, de Torquato Neto

“R-existing”: what might its purpose be? Poetry of resistance in Literato Cantabile, by Torquato Neto

«R-existir»: ¿a qué estará destinado? Poesía de resistencia en Literato Cantabile, de Torquato Neto

DOI: 10.54901/educa.v9-531

Luciana Petroni Antiqueira Chirzóstomo¹
Dr. Ricardo Magalhães Bulhões²
Dr. João Adalberto Campato Junior³

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar o poema “Literato Cantabile”, de Torquato Neto, um nome importante da poesia marginal. Torquato Neto tem uma poética pautada na resistência frente às violências e atrocidades cometidas durante a ditadura militar no Brasil e, também possui muitos poemas que versam sobre questões existenciais. Para lutar contra a censura, o poeta utilizava a arma de que dispunha: a palavra. Para analisar a obra poética, utilizamos o texto “Poesia resistência”, de Alfredo Bosi. Torquato Neto colocou em prática os pressupostos teóricos de Bosi, uma vez que mesmo diante de tamanho silenciamento, continuou “cantando” seus versos de liberdade. O poeta tece um poema que rompe com a norma culta da língua portuguesa, não utilizando letra maiúscula no início dos versos e fugindo à regra quanto ao uso da pontuação. O poema virou música em 1972, nas mãos de Feliciano Bezerra e possui uma estrutura semelhante a uma composição musical. Tem ritmo, sons anasalados – abafados –, ruptura na estrutura por meio de *enjambement*, estribilho, paralelismo e a presença de algumas figuras de linguagem, tais como: metáfora, anáfora, ironia e aliteração.

Palavras-chave: poesia marginal; resistência; existência; Torquato Neto.

1 INTRODUÇÃO

Muito já foi dito que toda obra literária tem obrigatoriamente antecedentes, o texto poético vem a ser uma remissão a obras do passado. Ao fazer uma análise crítica sobre a poesia da década de 1970, João Luiz Lafetá, destaca o vínculo entre a tropicália e a antropofagia de Oswald de Andrade, como também a ligação das composições de qualidade com a experiência dos concretos. Lafetá assinala “como deixar de reconhecer, em composições do tipo de

¹ Doutoranda em Letras, Literatura, Arte, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: lucianapetroni2016@gmail.com

² Doutor em Letras, Literatura, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: ricardo.bulhoes@ufms.br

³ Doutor em Letras, Literatura, Universidade Brasil, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: campatojr@gmail.com

Cotidiano e Construção, de Chico, o equilíbrio buscado e obtido entre invenção verbal (rica, inovadora) e a garra social e participante?” (Lafetá, 2004 p. 459). O poeta piauiense se enquadra neste quadro múltiplo que revela uma ânsia de renovação a partir dos possíveis diálogos com seus antecedentes.

O título deste artigo faz uma interlocução com o verso presente na canção “Cajuína”, de Caetano Veloso, composta a partir de uma visita do compositor baiano ao pai de Torquato Neto após a morte do poeta, com as ideias presentes no texto “Poesia Resistência”, de Alfredo Bosi. Este diálogo com as palavras “existirmos” e “resistirmos” parece-nos perfeitamente possível, passando a criar um novo termo “r-existirmos”, que reúne os dois conceitos: o da existência e o da resistência. “R-existirmos” torna-se uma palavra que sintetiza a poética desse artista que trata de questões existenciais com tamanha maestria e resistiu com sua poesia num tempo em que era proibido proibir.

Segundo Goldstein (2006, p. 72), alguns artistas utilizaram um tom lúdico e bem-humorado, criando uma poesia jovem, conhecida como poesia marginal, que chegava ao público por meio de folhetos mimeografados, servindo como protesto durante a ditadura militar (1964-1985). Torquato Neto aparece nesse cenário como um nome bastante representativo.

Torquato teve uma vida breve, que pode ser percebida em muitas de suas composições. A ideia de fim, de morte e a vidência sobre tudo isso pode ser observada em muitos poemas e composições do artista. Ele era um artista engajado e contribuiu para a arte em muitos aspectos: compositor, poeta, escritor da coluna “Geléia Geral” do jornal “Última Hora”, se aventurou pelo cinema experimental, e contribuiu muito para registrar de forma poética os duros anos da censura.

“Atualmente, diferentes formas poéticas coexistem. Os poetas contemporâneos são inventivos e livres para se inspirar no estilo que julgarem adequado à manifestação de sua criatividade poética” (Goldstein, 2006, p. 73). Essas ideias representam bem a poesia de Torquato Neto, pois sua obra se enquadra perfeitamente a essa temporalidade.

Torquato Neto está no limiar entre o poeta e o letrista. Percebemos claramente a influência de sua veia poética nas letras das músicas compostas por ele, assim como os poemas reverberam esse lado musical do artista. O poema “Literato Cantabile” define bem essa tênue linha que separa o letrista do poeta, pois trata-se de um poema que apresenta musicalidade e uma estrutura semelhante às composições musicais, mas que foi escrito como poema e só depois virou música.

A Tropicália, movimento estético do qual Torquato Neto foi criador, junto com Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros, foi uma mobilização que revolucionou o campo das artes a partir

da segunda metade da década de 1960. A Tropicália envolveu diferentes linguagens artísticas, que hoje seriam chamadas multissemióticas: as artes plásticas, o cinema, o teatro, a música e a literatura. “Na aparente falta de sintonia com o momento histórico, os poetas da Tropicália encontram o tom de seu discurso como contrapartida do olhar de um caminhante que, com ‘olhos livres’, busca na multidão as desarmonias de uma época” (Almeida, 2000, p. 28).

Os tropicalistas pareciam estar desconectados de seu tempo, mas, nessa aparente desconexão, traziam à luz aspectos dissonantes daquele momento histórico em que viviam. Essa é uma característica marcante do contemporâneo “porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz” (Agamben, 2009, p. 65).

A contemporaneidade não está somente no momento histórico no qual o poeta estava inserido, mas, principalmente, no fato desse artista trazer a lume aquilo que estava obscuro, usar a palavra como ferramenta contra a censura, fazer dela uma arma poderosa, capaz de transformar uma geração inteira. Afinal, o “poeta é a mãe das armas e das artes em geral” e, com esse poderoso recurso, a geração de Torquato Neto apropriou-se dessa contemporaneidade, “os experimentais ultrapassaram os limites sacralizados da arte e conviveram com a cultura de massa” (Almeida, 2000, p. 15).

Os tropicalistas – experimentais por natureza – ousaram desmistificar a arte, considerada sagrada, buscando no popular, inspiração e tema para suas obras, independente da linguagem artística usada. O importante era romper com o tradicional, com os modismos, com tudo aquilo que já havia sido criado e continuava sendo reproduzido, de forma automática, sem processo criativo. Buscavam uma identidade dos trópicos, uma visão latino-americana da nossa realidade, pois ainda sofriamos grande influência da cultura estrangeira.

Almeida (2000, p. 14) argumenta que os tropicalistas desafiaram a política, o regime e a censura e “caminharam sem lenço, sem documento pela precariedade de uma cultura em processo de modernização e de redefinição da própria identidade”. E complementa: “Levar o público a consumir a própria indefinição cultural – a identidade dos trópicos – foi a demonstração, com seriedade, do ‘verdadeiro, grande tropicalismo’: a Tropicália” (Almeida, 2000, p. 15).

A identidade dos trópicos era nossa indefinição cultural. Quem éramos nós, enquanto nação, país, cultura? Como definir a identidade do povo brasileiro? São perguntas que podemos fazer quando pensamos no cenário político-histórico dos anos sessenta e setenta. Entretanto será que hoje já temos uma identidade? É possível definir a nossa cultura hoje? Essas são perguntas que servem para nossa reflexão e que atuam no campo de reflexão de Stuart Hall

(2006), que sinaliza para a inexistência de identidades unas, fixas e estáveis, substituídas por identidades fragmentadas na pós-modernidade. Fazendo alusão à música de Renato Russo: “Que país era/é esse?”. Ou seja, podemos dizer que nossa marca cultural é justamente não ter definição alguma, é ser esse caldeirão heterogêneo que permite muitas influências, correndo o risco de não possuir identidade nenhuma. É, ao mesmo tempo, tudo e nada.

Nesse contexto tropical, o poeta brincava com as palavras, tecia uma renda com fonemas e grafemas, assim como as rendeiras fazem em seu tear. A poesia produzida nesse cenário tem desenhos bem trançados, bem tramados, com artimanhas de quem sabia que era preciso resistir, pois “o destino da poesia estava nas mãos dos poetas” (Almeida, 2000, p. 104).

Para poetar, os poetas escolhem palavras que carregam o sentido exato daquilo que eles querem dizer/expressar, portando, assim como o “poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la”, percebemos que o fundamento da linguagem e da poesia, em especial, é este: dar nome às coisas. “O poeta é o doador de sentido” (Bosi, 1983, p. 141).

Ao nomear as coisas, dando sentido a elas, o poeta acaba tendo voz e vez, com uma “arma” poderosa para lutar contra a censura militar. “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar” (Bosi, 1983, p. 192). O poeta utiliza palavras escolhidas “a dedo” que tragam a sonoridade daquilo que ele quer expressar e que sugiram imagens que complementem as ideias do poema, assim como pensa em questões estruturais da escrita, para construir sua arma, para arquitetar sua escultura poética.

Bosi (1983, p. 144-145) aponta três vertentes da resistência: “recuperação do sentido comunitário perdido”, “melodia dos afetos em plena defensiva” e “crítica direta ou velada da desordem estabelecida”. Conseguimos relacionar a poesia de Torquato Neto com este último quesito, pois o que o poeta faz é criticar a desordem estabelecida de maneira direta.

Para representar/mostrar a resistência da poética de Torquato Neto, escolhemos o poema “Literato Cantabile”, que faz parte do livro “Os últimos dias de paupéria”, publicado em 1973, um ano após sua morte. Os textos de Torquato Neto foram organizados por sua esposa Ana Duarte e pelo amigo Waly Salomão. Torquato viveu apenas 28 anos, mas “deixou registrado uma alma ferida de morte que resistiu o quanto pôde às intempéries da viagem por acreditar que lhe cabia providenciar certos acabamentos antes de partir para o encontro marcado” (Almeida, 2000, p. 44).

Encontro que foi previsto em muitas de suas composições. No poema “Todo dia é dia D” – musicado por Carlos Pinto –, que já traz no próprio título a marca do fim, do dia derradeiro, o poeta diz que pode ser hoje ou amanhã, que qualquer dia pode ser o dia D. Este poema faz

parte da versão ampliada do livro “Os últimos dias de paupéria”, que foi editado nove anos após a primeira versão.

Desde que saí de casa
Trouxe a viagem de volta
Gravada na minha mão
(...)
Todo dia é mesmo dia
De amar-te e a morte morrer
Todo dia é mais dia, menos dia
É dia D

Em outro poema, que também faz parte da segunda versão do livro de Torquato Neto, “Pra dizer adeus”, que foi musicado por Edu Lobo, o poeta despede-se, dizendo que vai sozinho, não sabe para onde, mas sabe que não voltará.

Adeus
Vou prá não voltar
E onde quer que eu vá
Sei que vou sózinho

Tão sozinho amor
Nem é bom pensar
Que eu não volto mais
Desse meu caminho

O poema “Cogito”, um dos mais conhecidos de Torquato Neto, além de aparecer nos livros organizados pelos amigos com trabalhos de sua autoria, foi publicado no livro “Os cem melhores poemas brasileiros do século” (2001), organizado por Ítalo Moriconi, também carrega a ideia de fim, de término e a clarividência de tudo isso.

eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.

Não estamos propondo uma análise mais aprofundada desses poemas; entretanto, entendemos que alguns pontos da poética de Torquato Neto, tão recorrentes em sua obra, não podem deixar de ser mencionados. Escolhemos fragmentos desses três poemas – sem que eles perdessem a unidade de sentido – para exemplificar a perspicácia do poeta e o porquê do trocadilho com a palavra existência/resistência no início deste artigo.

Torquato Neto soube, como poucos, registrar, documentar, imprimir em seus escritos – poemas, palavras-cantadas das letras de música, crônicas, escritos do sanatório, cartas – o

panorama da ditadura militar e toda a repressão daqueles anos. “Nesse cenário de transformações radicais, de mudanças de valores, de redefinições de vida, uma geração viveu a crise da linguagem e, na ação coletiva – no estar junto –, encontrou o sentido da própria existência” (Almeida, 2000, p. 10).

2 R-EXISTÊNCIA EM “LITERATO CANTABILE”

Este poema de Torquato Neto tem como tema principal o cerceamento da liberdade de expressão face ao momento histórico – ditadura militar – que o Brasil estava vivendo. Num período em que “não se fala. não é permitido”, Torquato usa sua poesia como forma de resistir à repressão e à falta de liberdade.

agora não se fala mais
toda palavra guarda uma cilada
e qualquer gesto pode ser o fim
do seu início
agora não se fala nada
e tudo é transparente em cada forma
qualquer palavra é um gesto
e em minha orla
os pássaros de sempre cantam assim,
do precipício:

a guerra acabou
quem perdeu agradeça
a quem ganhou.
não se fala. não é permitido
mudar de idéia. é proibido.
não se permite nunca mais olhares
tensões de cismas crises e outros tempos
está vetado qualquer movimento
do corpo ou onde quer que alhures.
toda palavra envolve o precipício
e os literatos foram todos para o hospício
e não se sabe nunca mais do mim. agora o nunca.
agora não se fala nada, sim. fim. a guerra
acabou
e quem perdeu agradeça a quem ganhou.

Agora não se fala mais
toda palavra guarda uma cilada
e qualquer gesto é o fim
do seu início;

Agora não se fala nada
e tudo é transparente em cada forma
qualquer palavra é um gesto
e em sua orla
os pássaros de sempre cantam
nos hospícios.

você não tem que me dizer
o número de mundo deste mundo
não tem que me mostrar
a outra face
face ao fim de tudo:

só tem que me dizer
o nome da república do fundo
o fim do fim
do fim de tudo
e o fim do tempo vindo;

não tem que me mostrar
a outra mesma face ao outro mundo
(não se fala. não é permitido:
mudar de idéia. é proibido.
não se permite nunca mais olhares
tensões de cismas crises e outros tempos.
está vetado qualquer movimento⁴

“Literato Cantabile”, escrito em forma de poema, virou música nas mãos de Feliciano Bezerra, em 1972. Este fato lembra-nos as origens gregas do gênero lírico quando os poemas eram declamados ao som da lira; trata-se, portanto, de um poema bastante musical.

O título do poema, “Literato Cantabile”, merece uma atenção especial. “Literato” quer dizer “que ou aquele que, por ofício, escreve obras literárias; escritor” (Literato, 2009, p. 1188); já o termo “Cantabile” refere-se a um “trecho cantado ou tocado suavemente; cantável; digno de ser cantado; composição melódica” (Cantabile, 2009, p. 389). Poderíamos dizer que o título denomina um escritor de obras literárias que são dignas de ser cantadas. Remete, portanto, algo ironicamente, à ideia do clássico, pois usa termos originários de outras línguas (latim e italiano, respectivamente), mas, quando comparado com a escrita do poema, sugere uma ruptura, porque o poeta lança mão de uma linguagem coloquial, não seguindo a norma culta da língua portuguesa, rompendo com o padrão clássico prescritivo de escrita de poesia.

Observamos que “O poeta-literato crê isolar-se da tecnocracia do dinheiro opondo-lhe, ativo, a técnica do fonema e do grafema. E, como o concitava Bilac, lutará até a morte, de lança em riste (mas ‘longe do estéril turbilhão da rua’), ‘em prol do Estilo’” (Bosi, 1983, p. 147). Torquato não defendia seu estilo artístico, pois a causa era bem maior: ele lutava contra o silenciamento imposto pela censura. Para isto, utilizava as armas de que dispunha – o fonema e o grafema – e as características contemporâneas do fazer literário, como a ruptura com o clássico. Podemos perceber uma sonoridade ao longo do poema que lembra o som da onomatopeia “Psiu!”, usada para pedir silêncio.

⁴ Poema de Torquato Neto, em “Os Últimos Dias de Paupéria”, (Organização Wally Salomão e Ana Maria Silva de Araújo Duarte). Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1973, p. 97-98.

Estruturalmente, temos dois versos que se iniciam com letra maiúscula, enquanto os demais todos em minúscula, o que demonstra a fratura com o padrão clássico. O poema apresenta versos livres, as estrofes não apresentam o mesmo metro, há rimas soltas, o que reforça a ideia de ruptura.

As rimas do poema não seguem nenhuma padronização rígida e, também, não são elementos de todo essenciais para sua compreensão. Entretanto, percebemos, a despeito disso, a rima toante presente nas palavras “forma” e “orla”, “acabou” e “ganhou”. Temos igualmente a rima consoante nas palavras “cilada” e “nada”, “início” e “precipício”, ambas na primeira estrofe. Na segunda estrofe, aparece a rima consoante em “permitido” e “proibido”, “precipício” e “hospício” e na sequência “mim”, “sim” e “fim”.

Temos a presença de um estribilho que aparece no meio do poema e ao final, reforçando a ideia contida no título de que se trata de um texto passível de ser cantado, pois o refrão é elemento básico da escrita musical.

não se fala. não é permitido
mudar de idéia. é proibido.
não se permite nunca mais olhares
tensões de cismas crises e outros tempos
está vetado qualquer movimento
do corpo ou onde quer que alhures.

Percebemos claramente a ideia de transgressão e resistência não só no significado das palavras e na interpretação delas, mas na não utilização da norma culta, ou seja, Torquato inicia frases com letra minúscula e não utiliza vírgulas em lugares em que a norma padrão da língua portuguesa indica que deveriam ser empregadas.

Aparecem algumas figuras de linguagens como anáfora, ironia e aliteração. Temos a presença de uma anáfora com a palavra “Agora” ao longo do poema, reafirmando que se trata do agora, do momento presente. Depois, no verso “e o tem do tempo vindo”, Torquato Neto parece demonstrar, por meio das palavras, que ele possui o tempo que vem, é como se ele tivesse posse desse tempo, tempo este representado pelo agora.

Já a ironia comparece no trecho “a guerra acabou / quem perdeu agradeça / a quem ganhou”. Num jogo irônico, o poeta diz para o perdedor – todos aqueles que sofreram com a censura dos anos de chumbo – agradecer ao vencedor, como se a grande massa da população tivesse a escolha e/ou a possibilidade de vencer a “guerra” contra a ditadura imposta pelos militares. Usando a palavra guerra, o poeta deixa oculto o contexto histórico e faz uso de comparação para demonstrar a gravidade do que estavam vivendo.

Aparecem também aliteraões nas palavras cismas, crises, hospício, precipício como criando o efeito de sentido de algo que se rompe, algo que é cortado, dando a ideia de agressão, violência e, também, silenciamento. O poema tem a predominância de sons nasais denotando um possível som abafado, como se a voz do poeta tivesse que ser abrandada, atenuada, sufocada, calada.

Há a presença de *enjambement* em vários versos ao longo do poema. A utilização desse recurso que dá ideia de encadeamento, pode indicar que, mesmo com a ditadura imposta, os poetas continuavam lutando com suas “armas”. Em algum momento do fazer poético, há uma quebra, há a censura; porém, o poeta busca brechas e espaços, um outro verso, uma outra estrofe, e seguem firmes em seu propósito de escrever e resistir.

Há a presença de paralelismo, pois temos estrofes que possuem a mesma estrutura e sequência de palavras, mas com alguma mudança. Veja o trecho:

agora não se fala mais
toda palavra guarda uma cilada
e qualquer gesto **pode ser** o fim
do seu início

Agora não se fala mais
toda palavra guarda uma cilada
e qualquer gesto **é** o fim
do seu início;

Esse paralelismo – e seu efeito de sentido de circularidade e de fechamento em si mesmo – reforça a ideia de repressão, pois não se pode falar mais, e as palavras e gestos podem se transformar em armadilhas que serão o fim do poeta. Na primeira vez que esses versos aparecem, o poema diz que “qualquer gesto pode ser o fim”, ou seja, há a possibilidade de isso acontecer, mas, na segunda vez, ele afirma que “qualquer gesto é o fim”. Apresenta o cerceamento da liberdade de expressão e a ideia de que estamos cercados; todavia, o poeta está gritando: RESISTÊNCIA!

Nesse outro paralelismo, vemos claramente a censura, a limitação imposta pela ditadura, pois não se pode falar mais nada; e, agora, tudo fica evidenciado, tudo é transparente, claro, é a verdade estabelecida.

agora não se fala nada
e tudo é transparente em cada forma
qualquer palavra é um gesto
e em **minha** orla
os pássaros de sempre cantam **assim**,
do **precipício**:

Entretanto, os poetas – pássaros de sempre – vivenciando à ideia de liberdade difícil e custosa – voam buscando, mesmo assim, essa condição que ora se aproxima, ora parece escapar pelos dedos. A despeito de tudo, continuam poetando, criando, cantando, resistindo, ainda que esse canto esteja à beira do precipício, em queda livre. A palavra precipício pode estar associada também ao fato de “se jogar na vida”, consumindo-a de uma vez, aproveitando a liberdade, até o fim de nossa existência.

Agora não se fala nada
e tudo é transparente em cada forma
qualquer palavra é um gesto
e em **sua** orla
os pássaros de sempre cantam
nos **hospícios**.

Depois, na repetição do trecho com algumas modificações, temos a reafirmação de que qualquer coisa que se faça é vista como transgressão: cada palavra, cada gesto. As palavras são gestos que carregam em suas bordas a resistência dos pássaros de sempre – os poetas – que são tidos como loucos. O jogo de palavras que compõe este paralelismo revela quem são os pássaros. E a palavra hospício carrega consigo a ideia de loucura, prisão e podemos identificar a porção biográfica do poema.

Torquato não só mostra a consciência da brevidade de sua existência, mas também faz um poema-biografia, pois identificamos alguns fatos ocorridos em sua vida relatados – pela mediação da linguagem artística – nos poemas. Ele ficou internado no hospício do Engenho de Dentro durante algum tempo de sua breve vida. Foi um período de reticências na vida do poeta, que em 04/04/71 escreveu:

Debaixo da tempestade
sou feiticeiro de nascença
atrás desta reticência
tenho o meu corpo cruzado
a morte não é vingança
(Neto, 1973, p. 63)

Mesmo neste momento em que a vida do poeta parece ter ficado “em suspenso”, ele ainda continuava a trazer em suas palavras a marca da brevidade de sua existência, dizendo que morrer não significava vingança: ele já estava destinado a isso.

“O Poeta, depois de ter conhecido o sepulcro, reergue-se e refaz com o verbo, a Terra e os Tempos” (Bosi, 1983, p. 186). Este trecho de Bosi parece ilustrar bem o que aconteceu com Torquato Neto, depois da internação no sanatório. É como se o hospício – uma espécie de

sepulcro – tivesse impulsionado o poeta a continuar escrevendo, como uma Fênix que renasce e, refeita, está pronta para resistir e lutar contra os tempos difíceis.

Voltando à análise de “Literato Cantabile” que, dentro da organização do livro, parece ter sido escrito após sua última internação, divulgamos outro excerto que traz mais relações com a palavra hospício.

toda palavra envolve o precipício
e os literatos foram todos para o hospício
e não se sabe nunca mais do mim. agora o nunca.
agora não se fala nada, sim. fim. a guerra
acabou
e quem perdeu agradeça a quem ganhou.

O poeta, que tem o “poder de nomear” (Bosi, 1983, p. 141), anuncia que toda palavra carrega em si um grande perigo, um precipício, uma catástrofe, pois quem escreve, denuncia e resiste. Os poetas – os literatos – são tidos como loucos, pois são transgressores e acabam indo para hospícios, seja literalmente, assim como o poeta estudado, ou, no sentido figurado, pensando no estado de espírito com o qual a palavra se relaciona.

Nesse contexto, o poeta perde sua identidade, pois “não se sabe nunca mais do mim”. Torquato – ou melhor, o eu-lírico – mais uma vez ignora a norma culta da língua portuguesa quando escreve “do mim”, há uma ruptura, uma quebra de regra, uma resistência esculpida na própria estrutura do poema. E o que resta é o fim, o nunca, a repressão, a ausência de liberdade, pois, uma vez mais, ele repete “agora não se fala nada”. E termina com a repetição da ironia já citada acima: “e quem perdeu agradeça a quem ganhou”.

No fragmento abaixo temos a presença de metáfora:

você não tem que me dizer
o número de mundo deste mundo
não tem que me mostrar
a outra face
face ao fim de tudo:

Não precisamos dizer “o número de mundo deste mundo”, ou seja, que estamos no terceiro mundo, num país subdesenvolvido e com muitas desigualdades. E nem mostrar a outra face, o outro lado, tentar mascarar a repressão e/ou a violência presente por aqui, já que estamos diante do fim de tudo.

Almeida (2000, p. 47) argumenta que Torquato “conferiu a essência dos acontecimentos e fez da poesia um documento vivo da época”, ou seja, mais do que um poema ou um registro

daquele momento histórico, sua obra é marca de resistência. O poeta viajou pelas armadilhas da linguagem, “experimentando cantar, tal como um feiticeiro, a palavra que fora calada pelas doenças do mal” (Almeida, 2000, p. 47).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torquato Neto aparece como um nome de destaque no cenário da poesia marginal da década de 1970. Foi um artista que se enveredou por muitas áreas dentro do universo da arte, mas foi como poeta que encontrou os instrumentos necessários para dar voz às suas angústias e demonstrar sua insatisfação contra o sistema opressor.

Percebemos que a Poesia Resistência de Alfredo Bosi dialoga perfeitamente com o poema “Literato Cantabile”, de Torquato Neto, escolhido para compor este estudo. O poeta aparece como um expoente de resistência em um momento conturbado da nossa história: a ditadura militar. Utilizando a palavra ele cria um escudo para lutar e resistir à censura e ao silenciamento impostos.

Entretanto, não podemos falar de Torquato Neto sem mencionar a questão existencial, uma marca de sua obra. Existência e resistência são duas palavras que definem e qualificam a poética desse artista. Acreditamos que a melhor delimitação para a poética de Torquato Neto seja realmente a palavra: R-Existência.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? In: **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALMEIDA, L. **Um poeta na medida do impossível**: trajetória de Torquato Neto. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- BOSI, A. Poesia Resistência. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CANTABILE. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 389.
- GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAFETÁ, J. L. **A dimensão da noite**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

LITERATO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1188.

MORICONI, I. (org). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NETO, T. **Os últimos dias de paupéria**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1973.